

beautiful graves
belas sombras
l.j. shen

Tradução de Célia Correia Loureiro

As coisas que amamos dizem-nos o que somos.
– São Tomás de Aquino

A esperança é um sonho acordado.
– Aristóteles



PLAYLIST



DURAN DURAN — «SAVE A PRAYER»

OASIS — «DON'T LOOK BACK IN ANGER»

ANNIE LENNOX — «NO MORE 'I LOVE YOU'S'»

DUBSTAR — «STARS»

THE HOLLIES — «THE AIR THAT I BREATHE»

GOLDFINGER — «PUT THE KNIFE AWAY»

PRÓLOGO

Não foi assim que imaginei que entraria nesta igreja. De trajes negros, olhos encovados e lábios gretados. A única coisa que se agita no meu estômago, neste momento, é uma chávena de café morno que engoli de uma só vez para empurrar o *Valium* para baixo.

Apesar de toda a gente que conheço estar presente, a apoiar-me, sei que isso não importa. Nas tragédias, não dá para fugirmos à Grande Solidão. A certa altura, apanha-nos. A meio da noite. Durante um duche apressado. Quando nos rebolamos na cama e os lençóis estão lisos e engomados no lugar do nosso parceiro.

Os grandes momentos da vida são sempre vividos em solidão.

Mas não estou pronta para me despedir.

— Não tens de ficar para o enterro — diz-me o meu pai, prático e direto. Passamos pelas pessoas. Mantenho o olhar fixo nas portas da igreja, recusando contacto visual. — Eles vão compreender. Estás a passar por um inferno neste momento.

Talvez esteja errada em não me importar com o que os outros pensam, mas, sinceramente, não quero saber. Não estarei aqui quando o caixão descer à terra. Estarei muito longe antes que comecem todos a passar mal. Antes que se torne real. Talvez isso faça de mim uma cobarde, mas não aguento. Outra despedida prematura.

— Aposto que ele terá uma bela sepultura — ouço a minha própria voz. Chega-me do fundo do estômago, como bÍlis. — Tudo nele é bonito.

— *Era* — corrige uma voz atrás de mim.

Não preciso de me virar para saber a quem pertence. É o homem a quem entreguei a outra metade do meu coração.

E pronto, não aguento mais. A dois metros das portas da igreja, caio de joelhos, baixo a cabeça e começo a chorar. À minha volta, os outros enlutados murmuram em voz baixa. *Pobrezinha, Não é a sua primeira tragédia, e O que fará ela agora?*

Não estão enganados. Não faço ideia do que farei agora. Porque, mesmo nos melhores momentos, estive sempre dividida.

Entre o homem que estou prestes a enterrar. E o homem que está de pé atrás de mim.

PARTE 1



UM



DEZOITO ANOS.

Começa com um desafio em Las Ramblas.

Com uma tentativa desajeitada da minha melhor amiga, com o propósito de conquistar a atenção de um tipo.

— Estás a matar-te aos poucos, meu.

A Pippa estende a mão para o cigarro que ele tem na boca. Puxa-lho dos lábios e parte-o em dois.

É a nossa primeira hora em Barcelona, e ela já está empenhada em arranjar forma de sermos mortas.

— Pronto. Não tens de quê. Acabei de te salvar de um cancro.

Com um movimento do seu cabelo *ombré*, ela atravessa as portas de correr de uma farmácia, deixando o homem ali especado.

— Desculpa. Ela deixou a educação em casa — murmuro para o fumador no passeio, tirando os auscultadores dos ouvidos.

É sempre assim, comigo e a Pippa. Ela ateia os fogos; eu apago-os. Ela é uma cabeça-quente desorganizada, eu sou tão emotiva quanto uma estátua de gelo num casamento real. Ela era capaz de ter sexo com um poste de iluminação, e eu... bem, ainda não estou convencida de que seja assexual, apesar de (ou talvez *devido* a?) ter perdido a virgindade há poucos meses.

Eu e a Pippa conhecemo-nos há muito tempo. Cruzámo-nos no primeiro dia do jardim de infância e batemo-nos pelo mesmo cubo de atividades (com o qual, reza a lenda, ela me bateu na cabeça). Desde então somos inseparáveis.

Eu sou a gótica macabra com botas militares e ela é a Ariana Grande, radiante e a tecnicolor.

Frequentámos a mesma escola básica, a mesma escola secundária e os mesmos campos de férias. Agora, eu e a Pippa estamos as duas inscritas na UC Berkeley.

Foi a Pippa que teve a ideia de irmos passar duas semanas a Espanha. Uma última aventura antes do início das aulas. Ela é meio espanhola por parte da mãe e a Alma, uma das suas tias, vive em Barcelona, o que significa que temos onde ficar sem pagar.

— Vamos instituir uma nova regra. — Ajusto a mochila num dos ombros enquanto passamos por baixo do sinal verde e reluzente FARMÁCIA: 24 HORAS. — Chega de insultar as pessoas daqui. Se arranjares pancadaria na rua, passo por ti e finjo que não te conheço.

É mentira. Era capaz de levar um tiro por ela. Mas preferia mesmo não ter de o fazer.

— Por favor — bufa a Pippa, pegando num cesto verde a caminho da secção de higiene pessoal. — Temos duas semanas para deixar a loucura à solta antes de voltarmos à realidade. A faculdade é coisa séria, Lawson. Agora é *precisamente* a altura certa para nos metermos em pancadaria no meio da rua. Sobretudo com uma brasa como aquele gajo.

Ela põe champô, amaciador, pasta dentífrica e duas escovas de dentes no nosso cesto. Eu acrescento *Tylenol*, protetor solar e hidratante corporal. Nenhuma de nós quis trazer nada que pudesse comprometer o limite de peso das malas.

A Pippa para no meio do corredor dos utensílios de depilação.

— Achas que aqui vendem a pílula do dia seguinte ao balcão?

— Porquê? Estás a planear ter sexo desprotegido com um tipo ao calhas? — pergunto.

— A tua amiga está curiosa, está bem? Não disse que ia tomá-la.

Ela encolhe os ombros, agarra na minha mão e puxa-me para o corredor seguinte. Tenho noção de que falamos cerca de cinco decibéis acima de todos os outros dentro da loja. E não é que esteja propriamente vazia. Há um casal de idosos a falar com o farmacêutico, uma senhora grávida a contemplar um frasco de laxante e um grupo de rapazes com equipamento de futebol a ver os cremes para a micose da virilha.

Ela detém-se naquilo a que chamamos o corredor da malandrice. A Pippa passa a unha em estilete, com chamas na ponta, pelos diferentes produtos.

— Não te esqueças de comprar preservativos. — Mordisco o verniz preto das unhas, desesperada por sair daqui. Quero atirar-me para o chuveiro da tia dela e lavar as doze horas de voo, e depois descomprimir. — Sabes, para o caso de mudares de ideias sobre levar clamídia de recordação.

— A clamídia é uma lembrança foleira. — A Pippa olha para mim a sorrir. — Precisamos de uma lembrança a sério. Vamos fazer tatuagens.

— *Tu* vais fazer uma tatuagem — corrijo. — Eu não.

— Porquê? Não é que tenhas medo de agulhas. — Ela olha para o meu *piercing* no septo nasal, enquanto levanta uma sobrancelha.

Arrumo-o para dentro do nariz.

— Não vejo problema com os *piercings*. As tatuagens envolvem compromisso, o que não é para mim. Devo lembrar-te de que nem sequer consigo ser fiel a uns cereais?

— Tu és fiel a uns cereais — diz ela. — *Reese's Puffs*.

— Por muito que seja apaixonada por *Reese's Puffs*, fico sempre satisfeita se despachar uma tigela de *Frosted Flakes* ou *Apple Jacks*.

— *Apple Jacks*. — Ela estremece. — Às vezes parece-me que não tens salvação. De qualquer forma, tens de fazer uma tatuagem. A tua mãe vai ficar muito orgulhosa se deres esse passo.

— Prefiro carregar o fardo de a desiludir.

Mas a Pippa não está errada. Barbara Lawson, «Barbie», ficaria totalmente nas nuvens se eu lhe dissesse que ia fazer uma manga completa. Ela própria tem a maior parte das costas, barriga das pernas e pulsos tatuados. Citações com significado para ela. *As tatuagens são como aplicar papel de parede numa casa pintada de igual*, como está sempre a dizer.

Nascida em Liverpool, Inglaterra, a mãe fugiu para São Francisco quando tinha dezasseis anos. Ela não é uma mãe típica. É por isso que a adoro não só como mãe, mas também como ser humano.

— Ever. — A Pippa bate o pé. O meu nome é Everlynne. Porém, sejamos realistas: a vida é curta. — Anda lá.

Uso os dois dedos indicadores para fazer o sinal da cruz, como se ela fosse um vampiro.

— Hum, ótimo! — A Pippa atira os braços ao ar antes de agarrar num pacote de preservativos. — Nada de tatuagens, mas vou corromper-te. Estou a preparar-te uma intervenção. Everlynne Bellatrix Lawson, tens sido uma menina muito, muito má. E, por má, quero dizer boa. Superboa. Boa até ao *enjoo*. Somos da Geração Z! Está no nosso ADN fazer disparates, *okay*? Crescemos com as redes sociais e as Kardashians.

— Tenho feito bastantes disparates sem precisar de os fazer com alguém — devolvo, embora ambas saibamos que não é verdade. No que respeita a atos de rebeldia, sou terrivelmente aborrecida.

— Deixo de lado a história das tatuagens se prometeres que usas

um balãozinho destes durante estas duas semanas de viagem. — Ela acena com os preservativos. Estou quase a desfazer-me numa combustão de pedaços minúsculos de vergonha. A única coisa que me impede de o fazer é que, além de causar uma cena, não gostaria de arranjar confusão aqui.

Chega-nos uma risada do corredor ao nosso lado. Temos audiência. *Yippee ki-yay.*

— Eu *não* sou virgem — pego nos preservativos e enfio-os nas profundezas do cesto, por baixo dos tampões e da pasta de dentes.

— Bem, foi com o Sean Dunham, será que conta? — brinca a Pippa.

Chega-nos um resfolegar, mas não consigo ver quem é a pessoa, porque há uma parede de embalagens de preservativos a bloquear a vista. Falar inglês é mesmo uma treta. Não importa em que parte do mundo estejamos, toda a gente entende o que estamos a dizer.

— Ei! Nós fomos até ao fim.

— Diz antes que te *arrastaste* até lá. Foi mesmo decepcionante. E separaram-se meio segundo depois — contrapõe a Pippa.

Correto. Perturbadoramente correto. Não posso negá-lo.

— E se eu não gostar de ninguém? — Cruzo os braços sobre o peito.

— Nunca gostas — suspira ela. — Não estou a contar que te apaixonas por aqui. Mas, pelo menos, fá-lo pelo prazer.

A pessoa do outro lado do corredor está a rir-se às gargalhadas.

A voz pertence definitivamente a um homem. Baixa e áspera.

Precisas que te faça chichi na perna, amigo?

— Tens de aprender a jogar em equipa, Ever. É um desafio para esta viagem. Encontrar prazer com um perfeito estranho. Sem consequências. Sem relacionamento. Só um engate num país estrangeiro.

Parecendo-me evidente que a pessoa do outro lado do corredor já ouviu o suficiente sobre a minha vida sexual (ou a inexistência dela), viro-me para a Pippa com um olhar mortal:

— Não vou fazer sexo com um estranho.

— Vais, pois.

— Não, não vou.

— Então, vou ter de te chatear para fazeres uma tatuagem.

Cansada das suas palhaçadas, gemi:

— Como queiras. Eu uso um. Vai procurar uns petiscos para nós. Preciso de fazer um telefonema.

— Se vais ligar à Barbie para pedir apoio emocional, nem vale a pena.

Ela vai ficar do meu lado, sabes disso. — A Pippa esvoaça como uma fada, deixando um rasto de gargalhadas.

Tiro o telemóvel da mochila e espero que apareçam as barras de rede.

Telefone à minha mãe. Ela atende ao primeiro toque, apesar de ser um milhão de horas mais tarde na Califórnia.

— Ever! — diz ela. — Como vai Barcelona?

— Estou aqui há pouco menos de uma hora e a Pippa já tentou arranjar uma briga com um tipo daqui, comprou preservativos e tentou convencer-me a fazer uma tatuagem.

— Presumo que estejas horrorizada com isso tudo? — Há um sorriso na sua voz.

— Caramba, mãe, é como se nos conhecêssemos.

— Bem, então. Tudo como de costume no universo Pippa. — *Pippa e Ever.*

Adoro o facto de ela nos ter dado um nome artístico. A Barbie Lawson é uma mãe incrivelmente fixe.

— Já tenho saudades tuas. — Cravo os dentes no lábio inferior.

— Percebo. — Ela ri-se. — A razão pela qual estou acordada é porque estou a ver álbuns de fotografias antigas tuas. Nem acredito que o meu bebé esteja do outro lado do oceano, na Europa, numa viagem de miúdas.

Ugh. Não vou chorar no corredor da malandrice. Não vou.

— Pois, eu também não. Tenho de ir, mãe. Amo-te.

— Também te amo, daqui até à Lua.

Termino a chamada e estou prestes a guardar o telemóvel no bolso de trás.

Uma sombra paira sobre mim, bloqueando a entrada do corredor. Olho para cima. É o tipo do cigarro que estava na rua. A Pippa tem razão. Ele até é bonito. De uma forma pouco óbvia. Parece feito sob medida para o meu gosto. Desenhado em traços nítidos de carvão, como uma personagem de *manga*. É alto, mais do que seria atraente em termos convencionais, e magro. A sua postura imita a de um girassol murcho. Cabeça inclinada para baixo, como se estivesse a lutar para ouvir pessoas de altura normal. Tem olhos azuis-escuros, um maxilar quadrado e um nariz demasiado comprido e pontiagudo. A mediania do nariz confere às suas feições, que de resto são impecáveis, mais espaço para brilhar. É o derradeiro golpe de génio da natureza, tornando-o simultaneamente atraente e empático.

— Balão de água — diz ele, com sotaque americano, numa indiferença cómica.

— Hum, o quê?

Ele faz um gesto de cabeça em direção às prateleiras de preservativos. *Ah, pois.* A exigência louca da Pippa sobre eu usar, pelo menos, um preservativo.

— Enche-o e esmaga-o na cabeça dela.

— Isso é maldade — respondo-lhe.

— Maldade? Não. Justo? Sim.

— Não posso fazer balões de água. — Liberto o *piercing* do nariz. — Isso é batota.

Quero que veja o brinco. Não sei ao certo *porque* quero que ele o veja. Talvez porque esteja a usar um par de *Levi's* desbotadas dobradas nos tornozelos e sapatilhas *Chuck* gastas. Ou, talvez, porque o seu cabelo escuro despenteado e a *T-shirt* a dizer *Clube Social dos Antissociais: Candidatos não precisam de se candidatar* me cativa, da mesma forma que acontece quando vemos um estranho a ler o nosso livro favorito no comboio.

— Não me apercebi de que estávamos a jogar numa dimensão moral elevada — ele abre o rosto num sorriso errático.

Dentro de mim, há algo a derreter-se. É quente e pegajoso e instala-se no meu estômago. *Credo!* Não admira que a Pippa seja obcecada por homens. Isso é como entrar numa montanha-russa do *Six Flags* depois de emborcar um superburrito.

De repente, sinto-me extremamente consciente dos meus braços. Foram sempre assim tão compridos? Tão pesados? Tão desajeitados?

— Estavas a ouvir a conversa? — pergunto-lhe, tentando ver-me através dos olhos dele.

Com o meu *kilt* e o meu cabelo de um cor de laranja implacável. A cor rivaliza com a de uma folha de outono perfeitamente esculpida. Mas, como os ruivos representam menos de dois por cento da população mundial, não tenho coragem de o pintar.

Levanta o braço, sinalizando a pequena embalagem que tem na mão.

— Vim comprar isto.

— *Delineador de lábios?* — Ergo a sobrancelha. — Para combinar com as pestanas falsas?

Há um laivo obscuro por detrás do seu sorriso, que me impele a aproximar-me, a espreitar.

— Está bem. — Ele encolhe os ombros. — Entrei para dar uma resposta à tua amiga, mas acabei por ficar para me divertir. Processa-me.

— Desculpa. — Dou uma risadinha. — A Pippa é fixe, sabes. Do género

amo-te-mas-às-vezes-apetecia-me-mesmo-fechar-te-a-boca-com-fi-ta-cola.

— Se tu o dizes.

— Digo. Claro que digo. Digo-o uma e outra vez. É a minha melhor amiga.

Algures, no fundo da minha cabeça, reconheço que estou a ter um comportamento bastante estranho. Mas quero que a conversa continue.

— Vocês são diferentes.

— Porquê? Porque ela é a *Miss Popular* e eu sou a gótica?

— Sim — diz ele, sem rodeios.

Este tipo é um rebelde genuíno. Um verdadeiro *gangster*. Não é como eu e o meu *piercing* no septo, esteticamente giro.

Seguidamente, ele diz:

— As pessoas banais não são revolucionárias. Nunca contribuem para nada. Mediano quer dizer acomodado.

— Há um elogio escondido algures nessa frase? — Olho-o de soslaio.

Ele contrai ligeiramente os lábios. De repente, sinto-me leve. Como se pudesse voar como um balão se ele continuasse a prestar-me aquela atenção entorpecedora.

— Queres que haja?

Apesar do seu tom vazio, penso que ele não me seja tão indiferente como quer que eu acredite. O meu coração está a dar-me pontapés na caixa torácica. Mas, como a esperança é uma ótima receita para o desastre, tento examiná-la de todos os ângulos. Talvez ele esteja aqui por causa da minha amiga excêntrica e glamorosa, e em breve serei deixada com um dos seus braços direitos enquanto ele a corteja. Já passei inúmeras noites em conversas embaraçosas com rapazes casuais enquanto a Pippa se fartava de namoriscar. Regra geral, não me incomoda, mas, desta vez, sei que iria doer se ele a quisesse.

— O que estás a ouvir? — Muda de assunto, indicando com o queixo os auscultadores que tenho sobre os ombros, precisamente quando pergunto:

— Então, estás aqui de férias ou...?

Rimo-nos os dois. Eu respondo primeiro.

— A melhor canção que alguma vez foi gravada no mundo.

— «Never Gonna Give You Up», de Rick Astley? — Ele arregala os olhos num trejeito animado.

Mais risos.

— Não, mas estás na década certa.

— Desafio aceite. — Ele esfrega as palmas das mãos. Posso dizer que consegui despertar a sua curiosidade. — Vejamos. — Ele dá-me uma vista de olhos lenta, estudando-me como se a resposta estivesse escrita na minha camisola. — Vou apostar na «Where Is My Mind?», dos Pixies.

— Estás enganado, meu amigo. — Viro o telemóvel para lhe mostrar a aplicação do *iTunes* que continua a dançar no meu ecrã. — «Save a Prayer», dos Duran Duran.

— Merda. É uma ótima música.

— A favorita da minha mãe. — Sinto que o sorriso está prestes a rachar-me a cara. — É a tua vez. — Ele levanta o telemóvel no ar, depois pesquisa e escolhe uma música. — O que está a tocar no meu *iTunes* neste momento?

— Dá-me uma década.

— Anos noventa.

— Não serve de grande coisa. — Encosto-me a uma fila de lubrificantes. — Quero dar-te o mérito de ouvires algo que não seja a «Smells Like Teen Spirit».

— Ora, obrigado pelo elogio. Pensa em britânicos.

Ele sorri. Eu franzo a testa, a refletir.

— «Don't Look Back in Anger», dos Oasis.

— Resposta final?

Um tanto hesitante, aceno com a cabeça.

— Sim.

Ele vira o telemóvel e vejo que tinha razão. *Uau*. Que grande merda. Será que acabei de conhecer a minha versão masculina?

— Como é que fazes isso? — diz ele, olhando-me de forma diferente.

Como se eu tivesse passado numa espécie de teste.

— Pelo poder da dedução. Na guerra entre Blur e Oasis, és *definitivamente* pela banda da classe trabalhadora. E também por causa daquele solo de guitarra.

— Acho que é engraçado encontrar uma colega americana anglófila... em *Espanha*.

— A minha mãe é inglesa. Qual é a tua desculpa?

— Não tenho nenhuma. — Ele encolhe os ombros. — Por vezes, nascemos no sítio errado. E na década. E na era.

— É bem verdade — ouço-me dizer. — Agora, é a tua vez de responderes à minha pergunta.

Sinto-me fascinada pelo seu rosto. É como se nunca tivesse visto

um humano antes. Este não é um comportamento normal da Everlynnne. Quando conheço outra pessoa, o normal é contar os minutos até poder despedir-me dela. Não é que odeie as pessoas. Até gosto de algumas. Mas prefiro passar tempo com os meus livros, música e animais de estimação seleccionados com todo o zelo. Os três raramente me desapontaram.

— Eu... — começa o tipo do cigarro, mas a Pippa intromete-se na nossa conversa, acenando com dois sacos de plástico nas mãos.

— Toma. Comprei uma montanha de chocolates. Estou com TPM. Estás com TPM? Desde que os nossos ciclos começaram a ficar alinhados, sinto que...

Ela detém-se quando repara no tipo do cigarro (como é que ele se chama, afinal?). Estou mais uma vez mortificada pelo facto de ele não só conhecer todo o meu historial sexual como também o meu ciclo menstrual.

— ...Oi? — Ela vira a cabeça, confusa.

Ele enfia a mão no saco de plástico dela, pega numa barra de chocolate, rasga a embalagem e come-a de uma só vez.

— Olá, ladra de cigarros.

A Pippa fica de boca aberta.

— O que mais é que *comes* assim?

— Não irias gostar de saber.

— Por acaso, até gostava — ela lança-lhe um sorriso sensual.

Ele olha para ela com um ar de mauzão entediado, do tipo que convence adolescentes influenciáveis a comprarem *posters*.

Olho entre eles, nervosa por estar a assistir a um momento épico de enamoramento.

De repente, apercebo-me de que não quero mesmo, *mesmo*, ouvi-la falar de como ele beija. Não quero ficar a fazer «oh» e «aah» e fingir que estou feliz por ela quando o inevitável acontecer e os dois dormirem juntos. Quanto mais se olham, mais suor frio se forma na minha pele. Até que se torna insuportável. O silêncio. A perspetiva da Pippa e do Tipo do Cigarro a beijarem-se num canto escuro de uma discoteca barcelonense ao som de uma música lenta dos Arctic Monkeys, enquanto me envolvo numa conversa sem sentido com um dos amigos dele.

O que aconteceu ao «As pessoas comuns não são revolucionárias»?

A Pippa abre a boca, sem dúvida para namoriscar com ele. Sou dominada por qualquer coisa. Agarro-a pelo pulso e arrasto-a dali. Ela segue aos tropeções atrás de mim, a tentar libertar-se. Mas estou fortalecida pelo medo e pela motivação.

— O que estás a fazer? — exige ela saber. — *Uuh*, fiquei mesmo com a impressão de que ele tem uma pila grande! Vamos voltar para trás.

— Não. — A farmácia com ar condicionado cospe-nos para a avenida arborizada. — Não vou deixar que te apaixonones e estragues a nossa viagem de raparigas pondo-te a planear a tua agenda em função de um tipo.

Aparentemente, é essa a razão da nossa retirada antecipada. Tirei a desculpa do rabo, mas agora tenho de a defender com unhas e dentes.

— Oh, meu Deus, sua maluca. Foi por isso que fizeste isto? — Ela para quando estamos na esquina da rua e afasta a minha mão com uma palma-da. — Pensaste que ia atirar-me a ele?

Estamos a uma boa distância da farmácia. Paro e olho à minha volta.

— Ou ele estava prestes a atirar-se a ti. Tanto faz. Dá no mesmo.

— Bem, o mal é teu, Lawson, porque quando eu disse que o achava giro, queria dizer para *ti*. Ele parecia um reflexo da tua alma. Nunca vi nada assim. Estavam a sorrir como dois tolos enquanto conversavam. Eu fui certificar-me de que trocavam números de telefone. Não é todos os dias que a minha melhor amiga dá sinais de vida.

Agora é a minha vez de ficar sem palavras.

— Era isso o que querias fazer?

Ela bate-me no braço com um dos seus sacos de compras.

— Sim, parvalhona!

— Mas vocês os dois estavam a olhar um para o outro.

— Ele estava a olhar para mim como quem diz põe-te a milhas. — Ela ri-se. — Não foi propriamente subtil em relação a isso.

Apetece-me vomitar. Na verdade, acho que vomitei, um bocado, dentro da boca. Agora mesmo.

— Então, porque não te puseste a andar?

— Eu estava a ver se ele não estragava tudo.

— Oh, Pippa.

— Não me venhas com «Oh, Pippa». Volta lá dentro e dá-lhe o teu número!

— Assim, sem mais nem menos? — Pestanejo, ainda presa ao chão.

Ela levanta um ombro.

— Podes mostrar-lhe as mamas, para ter um impacto dramático, acho eu.

Corto o ar como uma ave de rapina. Entro de rompante na farmácia, a virar a cabeça de um lado para outro. Se o Tipo do Cigarro me perguntar porque estou aqui, digo-lhe que perdi a carteira. Percorro os corredores.

Espreito nas casas de banho. Até na cabina de fotos. O Tipo do Cigarro não está em lado nenhum. O pânico cresce dentro de mim. E se ele se foi embora? Sei bem que não foi ali para comprar um delineador de lábios. E se eu o tiver perdido? E se tiver sido só isto? Nunca vou saber o nome dele. Onde vive. Se prefere Guns N' Roses ou Nirvana (é bom que prefira Guns N' Roses, ou vai ter muito que se explicar).

— Ele foi atrás de ti — diz o farmacêutico ao balcão, com um sotaque espanhol carregado.

Viro-me para ele.

— Foi?

— Sim, e foi rápido. — É como se o seu sorriso me pedisse desculpa.

— Mas tu, mais rápida.

DOIS



Durante a semana e meia seguinte, comemos, bebemos e visitámos cate-drais, Camp Nou e a Bershka. A Pippa enrola-se com tipos em discotecas, eu faço compras até cair e o Tipo do Cigarro transforma-se quase num mito, alguém que não tenho a certeza se existiu em algum lado a não ser na minha cabeça.

Quatro dias antes do regresso aos Estados Unidos, encontramos uma boa oferta para a Gran Canaria e metemo-nos no avião. A Pippa faz amizade com um grupo de raparigas americanas a bordo, e é assim que damos por nós numa festa de praia na noite anterior ao voo de regresso a casa.

A Lua está branca e gorda. Pende sobre a minha cabeça como um chupa-chupa. A areia, tismada e fresca entre os meus dedos dos pés, é diferente dos grãos dourados de São Francisco.

Sento-me diante de uma fogueira, com música *pop* a tocar nos altifalantes. É provável que haja uma centena de pessoas por aqui, todas em diferentes fases de nudez, a beber e a dançar.

A Pippa está algures entre elas. Desapareceu há vinte minutos com três raparigas de Tallahassee para um jogo de vira-copos.

Bebo a minha garrafa de cerveja e penso no Tipo do Cigarro. Mais concretamente, em como é brutal o quanto a vida é aleatória. Tudo o que nos separa, nesta era específica, é o seu nome completo. Quero ser a Gwyneth Paltrow em *Instantes Decisivos*. Quero chegar ao comboio a tempo. Quero uma segunda oportunidade. Para, desta vez, poder fazer a escolha certa.

Ao meu lado, vejo uma mochila preta de lona. Tem um caderno a espreitar. Parece abandonada. Atirada ao acaso, à procura de um novo dono. Sinto os dedos a formigar de vontade de lhe tocar. A minha mãe costuma gabar-se de que *esta miúda nunca viu um livro que não quisesse ler*, e é verdade.

Estou ciente de que ler o conteúdo do caderno sem autorização é errado. Ainda assim, a tentação rasteja sobre os meus membros, como hera.

Quero dizer, *está* ali abandonado, numa praia cheia de gente, a escapar de uma mochila aberta. Se fosse privado, o dono tê-lo-ia levado consigo.

Decido conceder dez minutos ao proprietário do caderno antes de o ler. Se tiver ido à casa de banho, terá oportunidade de me impedir. Se estiver noutro sítio qualquer, bem, então não se importa com a possibilidade de que alguém o leia.

Passam dez minutos, depois quinze. Pego no caderno e abro-o numa página aleatória. Sinto o coração acelerado no peito. Como uma ladra. Parece-me uma espécie de diário... um ensaio? As palavras misturam-se umas com as outras, como se tivessem sido escritas à pressa.

São duas da manhã e ele acha que vai saltar. Talvez só lhe reste mesmo saltar. E será patético que uma parte de si não queira saltar porque tem medo do que o patrão possa dizer quando não aparecer no trabalho amanhã?

Mas o problema é precisamente esse. A razão pela qual ele está ali, naquele telhado, para começar. Trabalhou tanto para ganhar a vida que se esqueceu de viver. Agora, este *cliché* que podemos encontrar numa reles caneca numa loja de artigos baratos levou-o ao ponto do suicídio.

Teve a sua oportunidade e desperdiçou-a.

Devia ter corrido atrás dela mais depressa.

E, quando estava quase a alcançá-la, devia tê-la puxado pela parte de trás da camisola sem se preocupar com a ideia que iria passar.

Devia ter-lhe dito que era perfeita. Mas não o fez, por isso, agora, tem de saltar.

Saltar... ou fazer outra coisa qualquer. Ainda mais ambiciosa. Preparar uma mala e arrancar para Nova Orleães. À sua procura.

Sinto os olhos a arder. Parece um conto. Ou o início de um romance. Viro as páginas, ansiosa por mais, mas só encontro uma série de páginas em branco.

Uma mão pressiona-me o ombro, fazendo-me levantar a cabeça de repente.

— Nada de ler, menina!

A Pippa está bastante bêbeda, com os membros a balançar. Fico

aliviada porque não é o dono do caderno. Também me sinto desiludida, exatamente pela mesma razão.

— Anda. Bebe até cair. Vive um bocadinho.

A Pippa atira o caderno para a areia, depois levanta-me com um puxão e dirige-se até um grupo de pessoas em passos de dança. À nossa volta há um círculo de corpos bronzeados em movimento. Mudo os pés de um lado para o outro, de uma forma estranha, como se esta pele me tivesse sido cosida. Tento adivinhar a quem pertence o caderno. À rapariga com madeixas? Ao tipo com o peito tatuado?

Afasto-me da Pippa. Ela está a dançar com os novos amigos, a gritar as letras das músicas na cara deles.

Dirijo-me para o mar. Junto à costa, encontro o único pedaço de areia que não está ocupado. Paro. Contemplo de perto o famoso *Neptuno de Melenara*. É uma escultura de Neptuno com quatro metros de altura que se ergue do mar, não muito longe da linha da costa. A água é de um azul-metálico. Cintila à luz das estrelas. Submerjo um dedo do pé. A temperatura não está gelada. Posso nadar até à estátua. Sou boa nadadora. Eu e o meu irmão crescemos a fazer *surf*. O Renn (o seu nome quer dizer «renascido» ou «pequeno próspero») até fez disso a sua profissão.

Uma vozinha dentro de mim diz-me que estou a ser parva. Que entrar numa massa de água desconhecida na escuridão total é um erro de amador. Mas a escultura está a menos de cem metros de distância, e há toda uma festa atrás de mim. Seria difícil perdê-la de vista.

Dispo o vestido com corpete. Entro no mar. Nado em direção a Neptuno, com braçadas precisas. A água está agitada, mais fria do que esperava. As correntes arrastam-me. Não as previ. O mar parecia calmo a partir da praia. Por dentro, sinto-o a levar-me com ele, por mais que tente nadar em linha reta. Levanto a cabeça para ver a que distância estou da estátua e apercebo-me de que estou a uns cinco metros ao largo.

Sinto arrepios na pele. Estou em sarilhos e sei-o bem.

Viro-me e inverte a marcha. No momento em que o faço, uma onda enorme atira-me contra uma grande rocha. Empurro-a com os pés antes de voltar a embater nela. A boca enche-se-me de água salgada e acabo por engolir um pouco. O medo transforma-se em pânico.

Não te debates. Deixa que a corrente te leve e depois orienta-te.

Eu sabia que eram conselhos eficazes — aprendi-os nos campos de férias. Mas, agora que me vejo nesta situação, estou fora de mim. Começo a pedir ajuda.

E se me afogar? E se morrer? E se nunca encontrarem o meu corpo? A Pippa iria culpar-se por isso? Será que a vida dela também ficaria arruinada? Será que isso me importa, sequer? Foi ela que insistiu para que viéssemos aqui esta noite.

Mãe. Mãe. Mãe.

O pai e o Renn ficariam de rastos, mas a mãe não iria sobreviver.

Eu não posso morrer. Ciente disso, começo a lutar, sabendo que estou em desvantagem.

As correntes são fortes. Mesmo assim, esforço-me por abrir caminho, tentando manter a cabeça acima da água e distinguir a costa, ao longe. Outra onda atravessa-me o corpo. Arrasta-me por alguns metros. Deixo-me levar, inclino o pescoço e pestanejo no meio da escuridão que me rodeia. Demoro alguns segundos a perceber que a onda me aproximou da praia. Consigo ver um fino colar dourado de luzes a cintilar de volta. Uma onda de alívio. Recomeço a nadar. Os meus músculos estão a arder, o meu corpo está a tremer, mas a adrenalina adormece a dor. Sou uma sereia, a fugir dos piratas que me querem esventrar.

Quanto mais me aproximo, mais sinto a esperança a acumular-se na minha caixa torácica. De repente, um par de braços agarra-me por cima. Os braços içam-me pelas axilas. Fico frouxa e pesada dentro deles, enquanto me embalam em estilo lua de mel, e dou por mim pressionada contra um peito quente e seco.

— Já a tens? — pergunta uma voz espanhola, carregada de fumo.

— Sim.

— Ela está...?

— Não sei. — A outra voz é americana. — Ajuda-me a levá-la até àquela árvore para darmos uma olhadela.

Pouco depois, estou embrulhada num cobertor quente. Sinto-me demasiado exausta para abrir os olhos. Através das pálpebras, vejo uma lanterna a iluminar-me o rosto.

Encolho-me.

— Para com isso, por favor.

— Quanto tempo estiveste na água? — pergunta a Voz Espanhola.

— Sete ou oito minutos. — Estou a tossir as palavras. Os meus olhos ainda estão fechados. Sinto os braços a envolverem-me. Em circunstâncias normais, teria recuado perante a proximidade de um estranho, mas há algo nos braços que me seguram que parece certo. Como se eu estivesse exatamente onde devia estar.

— Engoliste água? — A Voz Espanhola está a falar diretamente para a minha cara. O seu hálito, a tabaco de mascar e cerveja, é quente contra a minha pele.

— Não muita — tusso mais um pouco.

— Estás ferida?

— Não, não estou magoada. Só... cansada.

— Abre os olhos, *chavala*.

Abro os olhos. Um homem bronzeado, com uma barba branca farfalhada e uma lanterna, está a fitar-me.

— Estou bem — garanto.

Começo a mexer as mãos, os pés, e a girar o pescoço de um lado para o outro. Estou sem fôlego e em choque, mas parece estar tudo intacto. Só apanhei um susto.

— Ah, não. Eu não te salvei. — Ele abana a cabeça. — Ele é que salvou. — Aponta com a unha suja de lama para o cobertor humano que está a envolver-me.

Torço o pescoço para poder olhar para a pessoa, mas isso deixa-me um bocado tonta.

Contudo, não a ponto de deixar escapar a parte importante.

O ponto alto da minha viagem.

A pessoa que me está a segurar é o Tipo do Cigarro.

E não parece inclinado a largar-me tão cedo.

O TIPO DO CIGARRO SALVOU-ME.

Está aqui, na Gran Canaria. Na mesma festa de praia. Quais são as probabilidades?

Aperto o antebraço, para o caso de estar a alucinar. Ele continua aqui, e agora fiquei com uma nódoa negra. Ele repara e morde o sorriso. Abano a cabeça. Talvez tenha batido com a cabeça. Mas ele parece tão real, tão vivo, tão quente, aninhado à minha volta.

Durante alguns momentos, tudo o que fazemos é olhar um para o outro. Nenhuma palavra parece adequada ao que está a acontecer aqui. Vencemos todas as probabilidades estatísticas. Coisas como esta só acontecem nos filmes.

Instintivamente, levo a mão à sua face. Um último teste para me certificar de que não é uma ilusão. Ele tem a pele quente e áspera. Fico surpreendida por não irromper em chamas. Não sei porquê, mas sinto-me cem vezes mais viva neste momento do que há um minuto.

— Tu — o Tipo do Cigarro segura a minha mão na sua.

A voz é rouca. Grossa. Ele não sabia. Até os nossos olhos se encontram, agora mesmo, ele não sabia que era eu quem estava dentro de água.

— *Tu* — murmuro eu. — Como é que te chamas?

A antecipação está a matar-me. Tenho andado obcecada com o nome dele desde o momento em que nos conhecemos.

— Joe.

— Joe. — Testo o seu nome na minha boca.

Joe! Bom e velho Joe. Um nome tão simples e desprezível. Estou um bocadinho desiludida com os pais dele. Não lhes ocorreu mais nada? Será que não sabem como o filho é raro e especial?

— Obrigada por me teres salvado, Joe.

O Espanhol, de quem me esqueci nos últimos minutos, despede-se com um aceno. Levanta-se e dirige-se para o paredão, desaparecendo numa nuvem de pessoas. Olho à nossa volta, lembrando-me, por fim, de que fazemos parte de um universo maior. Estamos debaixo de uma árvore, num lugar isolado. A festa ainda está a todo o vapor. Agora, estão a fazer o limbo.

— Como é que *tu* te chamas? — pergunta ele.

— Ever. — Deixo cair a mão da cara dele, apercebendo-me de que não é fixe acariciar estranhos ao acaso. — Everlynne.

— Obrigado por me salvares, Everlynne.

— Eu não te salvei...? — começo.

— *Por enquanto*. — O seu sorriso é lento e provocador e promete problemas. — Mas, agora, deves-me uma. E eu cobro sempre.

— Ainda bem que voltámos a encontrar-nos — digo, antes que me esqueça. — Tenho uma dúvida importante, que me tem incomodado desde que te vi.

Ele pestaneja, à espera de que eu continue. Respiro fundo:

— Guns N' Roses ou Nirvana?

Ele atira a cabeça para trás e ri-se.

— Que raio de pergunta é essa?

— Não é uma pergunta difícil, se tiveres bom gosto — sorrio-lhe.

— Os Nirvana tiveram a «Lithium» e a «Smells Like Teen Spirit» e mais nada, basicamente. Os Guns N' Roses são lendas vivas.

Fico a olhar para ele, imóvel. É *exatamente* isso que acho. Como é possível que tenhamos as mesmas opiniões?

— Como me saí? — O Joe agita as sobrancelhas.

— Perturbadoramente bem — admito. — Tenho a certeza de que

vamos encontrar algumas coisas em que havemos de discordar em termos musicais, mas, até agora, estamos na mesma frequência.

Há um breve silêncio. Estamos apenas a desfrutar do prazer de olhar um para o outro. Respiramos ao mesmo ritmo, abraçados.

— O que estavas a fazer no mar, Everlynnne? Além do óbvio, que foi causar-me um ataque cardíaco aos dezanove anos. — O Joe penteia-me o cabelo molhado, afastando-mo suavemente do rosto.

Ele é um ano mais velho do que eu. O meu coração rodopia como uma donzela a preparar-se para o seu primeiro baile. Sem se importar que o meu corpo esteja a sofrer uma quebra de adrenalina. Está feliz, esperançoso e estupidificado.

— Eu queria ver a estátua de perto. — E depois, percebendo que há aqui qualquer coisa errada, acrescento: — Ainda estou só de sutiã e cuecas, não estou?

— E as cuecas são transparentes — confirma ele, mordendo os lábios para segurar o sorriso.

Fechando os olhos, sussurro:

— Imaginei uma coisa muito diferente quando pensei em estar nua nos teus braços.

Sinto as orelhas quentes. Não sei de onde me vem esta honestidade. Nunca digo o que me vai na alma. Sobretudo a desconhecidos. *Sobretudo* a rapazes desconhecidos. Mas o Joe parece-me familiar.

— Imaginaste-te nos meus braços, nua? — Ele levanta uma sobrancelha inquisidora.

— Hum, talvez uma ou duas vezes.

— E achaste que a melhor maneira de mo dizeres seria largando a correr dali para fora da primeira vez que nos vimos?

Não deixo de reparar na irritação na sua voz. Cinzas do que deve ter sido raiva.

— Achei que tu e a Pippa estavam a entender-se. Não suportei a ideia de ficar ali a olhar para os dois... Sei lá, a namoriscar. Porque gostei de ti. E nunca gosto de ninguém. Voltei um minuto depois, à tua procura.

Continuo nos braços dele enquanto conversamos, enrolada num cobertor felpudo axadrezado em cor de laranja e roxo.

— Pensaste que estava a entender-me com a *banalidade*? — Ele parece surpreendido... e um bocadinho presunçoso.

— Bem, sim.

— Devo atrever-me a perguntar se estavas com ciúmes?

— Eu evoco a Quinta Emenda.

— Não estamos na América, neste momento — recorda-me.

Eu encolho os ombros.

Quero que ele me diga que gosta de mim, não da Pippa. Em vez disso, ele diz:

— Também fui atrás de ti.

— O farmacêutico contou-me. — Aceno com a cabeça.

— E agora estás aqui.

— E agora *tu* estás aqui.

Sento-me e viro-me na direção dele para poder olhá-lo como deve ser. O meu rabo bate em alguma coisa na areia e tiro-a debaixo de mim. É a mochila de lona preta que estava ao pé da fogueira ao início da noite. Levanto-a. Os meus dedos estão a tremer. A minha respiração fica presa na garganta.

— Claro.

— Reação estranha a um saco. — Ele franze o sobrolho. — Preciso de um bocadinho de contexto.

— Li um pouco da tua história. — Passo-lhe a mochila, sentindo-me a corar. — Desculpa, não consegui resistir. Foi...

— Terrível?

— Emocionante — concluo, em simultâneo.

Ele olha-me com alguma hesitação, tamborilando no joelho com os dedos longos.

— Precisa de algum trabalho, mas o esqueleto está lá, acho eu. É por isso que estou aqui, na verdade. Na Europa. Para escrever um romance.

— Não dá para escrever um romance na América? — A pergunta sai-me como se fosse uma acusação.

Parece que ele vai ficar aqui durante algum tempo, e eu vou regressar em menos de vinte e quatro horas. Belo trabalho, destino.

— Tecnicamente — ele deixa cair a mochila ao seu lado. — Mas eu precisava de me afastar. As coisas têm sido intensas lá por casa, nas últimas décadas.

— Tens dezanove anos — observo.

— Bom cálculo. — Ele pisca o olho. — A minha infância não foi nada fácil.

Então, ele tem uma família *dessas*. daquelas sem tradições de Natal giras nem saídas em conjunto para fazer *surf*. Em que a mãe e o pai não dançam juntinhos no meio da cozinha. O contrário da minha.

Esfrego o queixo com o polegar.

— Define *nada fácil*.

— Um dia. Quando tivermos mais tempo e não houver mais nada divertido para discutir. Esta noite, deixemos os problemas de fora.

Ele afasta mais uma mecha de cabelo molhado da minha testa, e é a coisa mais romântica e comovente que alguém já me fez. Mais do que quando o Sean me levou ao baile de finalistas e depois ao Ritz-Carlton. A noite em que perdi a virgindade e o pouco interesse que ainda tinha por rapazes.

— Está bem? — pergunta ele.

— Está.

— Não saias daqui — adverte o Joe. — Eu vou buscar o teu vestido. Bege, certo?

Ele levanta-se e sacode a areia das calças. Há uma parte que me atinge nos olhos, mas estou demasiado atordoada para me ralar com isso.

— Reparaste em mim? Quero dizer, há bocado?

Ele remexe no cabelo, exibindo o seu sorriso de fazer tremer a terra.

— Estava quase a aproximar-me quando estavas junto à fogueira. Os meus amigos disseram-me para não me dar a esse trabalho. Que estava a imaginar-te. Posso ou não ter achado que te vi pelo menos uma dúzia de vezes nas últimas semanas. Imaginação prodigiosa. — Ele bate com o dedo na têmpora.

Sou inundada de contentamento. Fiz exatamente a mesma coisa. Imaginei-o no meio das multidões.

— Depois, ouvi-te a gritar por ajuda no mar, e não tive dúvidas. Tens voz de miúda gira. Devias narrar livros ou algo do género. Não saias daí — volta a repetir, enquanto se afasta para ir buscar o meu vestido, deixando-me com toda essa informação e o coração na garganta.

Aproveitando o elogio, uso o tempo a sós para passar os dedos pelo cabelo emaranhado e limpar o rímel que me escorre dos olhos. Vai ser difícil seduzi-lo quando é provável que me assemelhe a uma criatura dos pântanos. Quando ele regressa, traz na mão o meu vestido e a minha mala, onde guardo o dinheiro e o telemóvel. Larga-os ao lado da sua mochila.

— Obrigada — agradeço.

— Sentes-te melhor? — Ele aterra ao meu lado.

— Um *zilião* melhor. — Enfio os braços nas mangas e visto-me rapidamente.

O meu corpo é pálido e esguio, salpicado de sardas por todo o lado onde o sol lhe toca.

— Ótimo. Encontrei-me com a tua amiga Banal junto à fogueira e disse-lhe que estavas comigo e que estavas bem.

— O que disse ela?

— Que eu também lhe pareço bem — devolve ele.

Eu rio-me.

Falamos sobre as últimas semanas. Eu falo-lhe de Barcelona. Ele fala-me de Sevilha e de Madrid. Está de viagem com três amigos. São os quatro de Boston. O resto do grupo vai regressar às respetivas faculdades no final da semana. O Joe vai ficar em Espanha mais algum tempo e depois vai viajar sozinho pela Europa na esperança de acabar o livro.

— Roménia, Polónia, Hungria, Itália e França. — Usa os dedos para contar os países. — Fiz um roteiro de tudo, incluindo as pensões e *hostels* em que vou ficar. Não devo demorar mais de quatro meses a escrever tudo.

Quatro meses? Ele não pode passar quatro meses num continente diferente. Ele não pode continuar solteiro durante quatro meses sendo estupidamente atraente. Ele não pode continuar a existir como se nunca tivéssemos acontecido.

Só que pode, e não há nada que eu possa fazer.

Guardando a minha loucura para mim, decido não tocar no assunto «nós». A conversa flui, apesar da enormidade da minha desilusão. Falo-lhe de como foi crescer em São Francisco. Do Renn e do seu *surf*, e da galeria da minha mãe no Castro. Ele fala-me da sua infância. Dois pais católicos, um irmão e um oceano de problemas por resolver.

Falo-lhe da minha arte.

É nessa parte que espero que ele se passe. Não é todos os dias que se conhece uma jovem de dezoito anos que passa os tempos livres a desenhar lápides.

— É menos sinistro do que parece. — Humedeço os lábios, já na defensiva.

— Tu desenhas lápides, não matas bebés por profissão. — Os seus olhos brilham de divertimento. — Mas tenho a certeza de que há uma história por detrás disso.

— Quando eu tinha uns oito anos, a minha prima Shauna morreu num acidente de barco. Ela tinha só quinze anos. A minha mãe queria que eu fosse ao funeral, mas o meu pai achava que eu era demasiado nova. Houve muita discussão entre eles. No final, deixaram-me decidir. Eu queria ir. A Shauna e eu éramos muito chegadas. Foi a primeira vez que visitei

um cemitério. Lembro-me de olhar à volta e pensar: «As lápides são todas iguais. Como é isso possível? Somos tão diferentes uns dos outros enquanto estamos vivos. Porque havemos de reduzir a nossa personalidade a nada quando estamos mortos?» Uns meses mais tarde, eu e a mãe voltámos lá para renovar as flores da campa dela. A Shauna tinha uma lápide muito bonita. Era tão a cara dela que fiquei sem fôlego. A mãe dela esbanjou imenso dinheiro numa autêntica obra de arte. Um anjo de granito a abraçar um coração. Fez-me pensar. As lápides personalizadas são uma ótima maneira de prestar uma última homenagem a alguém, sabes? Vivemos num mundo em que tudo é personalizado à nossa medida: a roupa, os colchões, os carros. Porque não desenhar algo que seja único? Algo que represente a pessoa que repousa ali?

— O que fazes com esses desenhos? — O Joe não está a mostrar quaisquer sinais de incómodo.

Tenho quase a certeza de que tem o medidor de arrepios avariado. Mas há bastantes probabilidades de também sermos parecidos nisto.

— A maior parte das vezes guardo-os para mim. É preciso ter em conta a personalidade das pessoas para fazer as suas lápides, e imaginar que as pessoas que amamos morrem é... bem, outro nível de psicose. Por isso, desenho-as para celebridades que já morreram, e coisas assim. Há quem tenha ouvido falar do meu trabalho e me tenha perguntado o preço. Dei-lhes os desenhos de graça. Não sei se há mercado para o que faço... Só sei que me sinto bem a fazê-lo.

O Joe dá um puxão na bainha do meu vestido, só pela ligação física.

— As pessoas estão sempre à procura de coisas espetaculares.

— E se eu não for espetacular?

— Tu és — diz ele, tão certo como o sol matinal. — Se fosses medíocre, não estarias a dar-me a volta à cabeça.

Penso nas palavras do seu romance.

Devia ter corrido atrás dela mais depressa.

Devia ter-lhe dito que era perfeita.

O ritmo monótono da música que nos chega da festa faz a terra estremecer debaixo de nós. O meu corpo está em sintonia com o dele, e consigo antecipar o seu próximo movimento. Sinto a sua respiração nos meus próprios pulmões.

— Então — ele encosta o joelho ao meu.

— Então — o meu cotovelo choca com o dele.

— Chegaste a usar o preservativo? — pergunta-me.

Enterro a cara nas mãos. Sinto a pele quente de mortificação. Abano a cabeça, espreitando por entre os dedos.

Ele tenta captar o meu olhar, inclinando a cabeça para baixo.

— Isso é um não?

— Que importância tem isso?

— Informação é poder.

— É uma informação inútil. — Estou embriagada com a ideia de que ele se interesse pelo assunto, mas também envergonhada por não ter concluído o desafio da Pippa.

— Não limites os meus campos de interesse, miúda. Quero que saibas que é um assunto de grande interesse. Hão de escrever livros sobre o assunto. *Livros*, digo-te eu. — Ele abana o punho no ar.

Perante aquilo, rio-me a valer.

— Isto não é normal.

— O que não é normal?

— Tu. Eu. — Agito um dedo entre nós. — Isto.

Não há muito a dizer, de facto. O que me leva à próxima pergunta, a fim de preencher o silêncio.

— E *tu*, usaste algum preservativo enquanto estiveste em Espanha?

— Prometes que não ficas desapontada? — Ele solta um suspiro.

Eu aceno com a cabeça, mas já estou. Não devia sentir-me como se tivesse sido traída. Mas é o que me parece, de qualquer forma.

— Não — admite. — Não usei nenhum preservativo.

Dando-lhe um encontrão no braço, resmungo:

— Então porque foi que me disseste para não ficar desapontada?

— Para ver se tinhas ciúmes, claro.

Desta vez, não vale a pena negar que tive.

Ao longe, começa «Boys of Summer». É um *cover* dos The Ataris, a minha favorita. As pessoas levantam os braços no ar e cantam. O amanhecer desponta acima do horizonte. A linha de água brilha em ouro-rosa. O nosso tempo está quase a acabar.

— Onde estávamos? — pergunto-lhe.

— Espanha — diz o Joe. — No tema dos preservativos, especificamente.

— Não é demasiado tarde para o usar. — Humedeço os lábios. — O preservativo, quero dizer.

— Hum. — Ele inclina-se para trás, apoiando-se nos antebraços.

Está um bocadinho tocado.

— Estás a pensar no mesmo que eu? — Mordo o lábio inferior.

Reparo no movimento na sua garganta.

— Sim. E há muita água para encher o preservativo...

Antes de eu ter oportunidade de me rir, ele inclina-se para a frente e beija-me.

NO INÍCIO, É APENAS UM BEIJO. UMA TROCA DESLEIXADA DE saliva entre dois adolescentes, ávidos de paixão desenfreada. As nossas línguas encontram-se e enlaçam-se. Dançam, provocam, ensaiam. Ele sabe a maresia, a verão e a cigarros.

Depois, os seus dedos envolvem a minha nuca e o beijo deixa de ser um beijo para se tornar numa guerra. O Joe devora a minha boca. É cru de uma forma desconcertante. Com dentes, gemidos e suspiros. Somos hera, a enrolar-nos um no outro. Toco-lhe no cabelo, nos braços como cordas, nos cumes dos seus abdominais, duros como pedra debaixo da camisa. Ele baixa-me para o abrigo da palmeira, aperta a parte de trás das minhas coxas e empurra a sua ereção contra o meu centro. Sinto-a estremecer entre nós. Estou sem fôlego, o meu coração está acelerado, e agora percebo. *Percebo, percebo, percebo.* O termo *doida por um rapaz*. Porque o Joe é um rapaz. E estou doida por ele.

As minhas costas batem na areia e, na doçura do alheamento, quero-o dentro de mim. A preencher cada centímetro de mim. Quero que possamos fundir-nos. É assim que gosto de ser tocada. O Sean apalpava-me e apertava-me os seios como se estivesse a tentar ordenhar-me. O Joe passa o polegar pelo meu mamilo através do sutiã, enquanto os seus beijos ardentes descem até ao meu pescoço, depois até ao meu peito. Desaperta-me o sutiã. Puxa um dos meus mamilos para dentro da boca, suga-o e roça-o com os dentes de maneira provocante.

— *Ever.*

Enlaço-o pela cintura com as pernas. Roçamo-nos através da roupa, apreciando a fricção e a sensação dos dentes a afundarem-se em pele nova. Os nossos cheiros misturam-se, criando uma combinação única e inebriante. Depois, o Joe tira um preservativo da carteira e exhibe-o entre nós, em jeito de pergunta.

— Não te sintas pressionada. — A sua voz é rouca, tensa. — Isto pode ficar por aqui, e ainda assim vou acabar a noite a sentir-me o sacana mais sortudo do mundo.

Eu sei que ele está a falar a sério. Sei que não vai ficar zangado se eu decidir que não quero. Ao contrário do Sean, que reservou o Ritz-Carlton com a expectativa — o acordo silencioso — de que o sexo estava incluído

no pacote. Se calhar, foi por isso que acabei tudo uma semana depois, usando a longa distância como desculpa.

— Tenho a certeza. — Rasgo a embalagem do preservativo com as mãos trémulas, com esperança de não o ter danificado.

Estendo a mão entre nós e desenrolo-o sobre ele, sem muito jeito. Ele paira acima de mim, os braços esculpidos como duas colunas a suportar-me os ombros. Ambos observamos os meus dedos vacilantes com fascínio. São precisas quatro tentativas e, apesar de estarmos ambos frustrados, nenhum de nós diz nada sobre o assunto.

— Está bem colocado? — pergunto-lhe.

— Parece-me bem. Estás pronta? — Ele sustém o meu olhar.

Os olhos, azuis-escuros com pontinhos prateados, são o seu melhor traço.

— Sim. — Já estou a tremer. — Estou pronta.

Ele aloja-se em mim. Durante os primeiros segundos, abraçamo-nos, a olhar um para o outro. Acho que estamos os dois atónitos.

— É sempre assim? — sussurro.

Ele sabe exatamente a que estou a referir-me, porque abana a cabeça e diz:

— Não, Ever. Nunca é assim... — ele inclina a cabeça, beijando a curva da minha orelha. — Isto é o paraíso. Vale a pena morrer por isto.

Os nossos corpos entram em sincronia. Movemo-nos ao som da mesma música sem som. Sinto um formigueiro por todo o lado. A pele do Joe é uma manta de arrepios. Perdemos-nos um no outro durante o que parece ser uma eternidade. Uma rajada de vento atira-me o cabelo para a cara e ele afasta-o com um sopro, beijando-me uma, outra, e outra vez.

— Acho que estou a vir-me — digo-lhe.

É a primeira vez. Com um rapaz, pelo menos. Mas a fricção é tão boa, e ele está a pressionar o ponto certo dentro de mim.

— Oh, graças a... *porra*. — Ele deixa cair a cabeça para a curva do meu pescoço, à medida que ganha velocidade. — Eu também.

Caímos nos braços um do outro no momento em que o sol espreita da linha azul e plana do oceano Atlântico. Está tudo cor-de-rosa, alaranjado e silencioso.

É então que nos apercebemos de que, ao longe, já não há mais música nem conversas.

A festa acabou.

E o mesmo acontece com o tempo que tenho com o Joe.

— DEZASSEIS HORAS DE VOO, NÃO É? — O JOE ABOTOA AS suas *Levi's*. — É cansativo.

Odeio isto. A conversa fiada. Este é o meu primeiro choque de realidade desde que voltei a encontrá-lo. E a realidade é que acabei de ter relações com um estranho que me salvou de um afogamento. Alguém que está prestes a tornar-se novamente um estranho, daqui a cinco minutos, depois de nos despedirmos.

— Não é nada de especial. Tenho o *Kindle* e os auriculares. — Encolho os ombros.

Esta é a parte em que eu deveria sugerir que trocássemos *e-mails*, ou números de telefone, ou contas de Instagram. *Qualquer coisa*. Será que não aprendi nada com as últimas duas semanas? Senti saudades deste homem como se ele fosse um lugar, e agora vou deixá-lo partir assim, sem mais nem menos?

Mas há qualquer coisa que me impede. Orgulho? Medo? Uma combinação dos dois?

Puxo o vestido pela cintura e prendo a metade superior do cabelo num carrapito desalinhado.

— Quando é o voo? — O Joe enfia os pés nos seus *Chuck Taylor* cheios de areia.

— Duas da tarde. Só teremos uma hora quando chegarmos ao aeroporto de El Prat.

— Chega bem. — Põe a mochila ao ombro.

— Sim. Não estou preocupada. — Espreito as chamadas perdidas no meu telemóvel. Como é evidente, a Pippa ligou-me onze vezes.

A mãe enviou-me uma mensagem. *Tenho saudades tuas! Vemo-nos em breve em casa. Estou a fazer a tua caçarola preferida. x*

Olho para cima e sorrio-lhe, cansada. Uma parte de mim não vê a hora de ir embora para poder chorar, finalmente, e outra parte não quer deixar este sítio. Nunca mais.

— Bem — despeço-me. — Foi real.

— Espera.

Ele tira uma câmara *Polaroid* da mochila, aponta-a para a minha cara e tira uma fotografia. Um bloco branco de sombras indistinguíveis desliza para fora da boca do aparelho.

— Okay, isso foi assustador.

— Ah, sim. Esqueci-me de te dizer. Sou o assassino do machado.

— Agora que falas nisso, tens mesmo esse tipo de olhar — provoco-o.
Ele abana a fotografia para trás e para a frente, segurando-a pela borda.
— Eu acompanho-te.

Acompanhar-me? Porquê? Será que agora sou incapaz de andar em linha reta sozinha? Os meus nervos ficam mais irritados à medida que o meu humor piora. Estou zangada. Furiosa com a minha cobardia. Furiosa com o Joe oportunista. Só que eu sei que, na verdade, ele não é um oportunista. Ele não se aproveitou de mim. Demo-nos bem e desfrutámos de uma noite sem compromissos. A Pippa está certa. Porque teria de haver mais?

— Não te preocupes com isso. Consigo ver a Pippa daqui. — Aponto para o grupo de raparigas à beira do paredão, a rir enquanto esfregam os braços, expostas ao frio da manhã.

— Parece-me bem — diz ele.

Parece-lhe bem? Parece-me terrível. Segura-me, raios.

— Então, hum, adeus. — Viro-me repentinamente, antes que ele possa ver as lágrimas nos meus olhos.

— Adeus. — Ouço a voz dele enquanto me dirijo para o paredão.

A primeira lágrima rola no meu pescoço, desaparecendo entre o vale dos meus seios ainda doridos. A segunda segue-a de perto. Quero virar-me. Voltar para ele a correr. Mentir e dizer-lhe que não me importo que ele se divirta na Europa, desde que volte para mim daqui a quatro meses. Apercebo-me de que nem sequer estou preocupada com o meu orgulho. O que me impede de lhe dizer o que sinto é o medo da rejeição. É um desgosto puro e simples. Pelo menos agora, enquanto me afasto em direção ao resto da minha vida, há uma ínfima parte de mim que ainda acredita que temos uma hipótese. Que talvez ele me procure e, de alguma forma, me encontre. Agarro-me a essa esperança como a uma tábua de salvação.

— Everlynn! — Ouço a voz dele atrás de mim.

Viro-me tão depressa que sinto a cabeça à roda. Ele não está onde o deixei. Na verdade, estamos a menos de quinze passos de distância. Ele seguiu-me. Limpo rapidamente a cara.

— Isto é uma estupidez! — grita ele, abrindo os braços, rindo-se com incredulidade. — Não quero despedir-me de ti. Não temos de o fazer.

— Tu vais ficar. — O vento leva-lhe a minha voz, como se fosse uma fita. O meu coração parece querer rasgar-me o peito e saltar até ele.

— Tu vais embora — responde ele suavemente, como se dissesse: «Ninguém tem culpa. Isto não passa de um grande azar.»

— Não quero ir — admito.

— E eu não quero mesmo ficar. — Ele baixa a cabeça, escondendo o que lhe vai nos olhos, e eu gostaria de poder tirar-lhe uma fotografia, guardá-lo, lindo e cru e meu na praia. O meu girassol murcho.

— Dou-te o meu número? — sugiro.

Ele volta a olhar para cima e sorri.

— Eu telefono-te.

— Ei, Joe.

— Sim, Ever?

— Qual é a tua invenção inglesa favorita de todos os tempos? *Não digas* que é a Emilia Clarke.

Ele ri-se. Vou sentir muito a falta desse riso.

— A *World Wide Web*, também conhecida como *Internet*. Tim Berners-Lee é a bomba ponto-com. A tua?

— A barra de chocolate — digo sem hesitar.

Corremos um para o outro, explodindo num só. Ele envolve-me com os braços. Os seus lábios encontram os meus, e beijamo-nos uma, e outra, e outra vez. Quero criar raízes nesta areia. Tornar-me numa árvore de membros e beijos com este homem.

O Joe afasta-se. Pega no meu telemóvel e insere o seu número nele. Grava-o como *Joe Namorado*. Eu rio-me e choro ao mesmo tempo. Nem sequer sei o seu apelido. Estou prestes a perguntar-lho quando ele dá uma palmadinha nos bolsos da frente e de trás.

— Merda. Deixei o telemóvel no *hostel*. — Ele abre a mochila, tira um papel cheio de texto. É a coisa mais romântica que alguma vez vi. — Dá-me o teu número. Eu escrevo-o e guardo-o assim que lá chegar. É possível que o tatue no braço. Qual é o teu tipo de letra preferido? Não digas *Times New Roman*. É o pão sem sal dos tipos de letra, e vamos ter de nos separar.

— Cambria — asseguro-lhe.

— Boa escolha, *namorada*.

Anoto o meu número, depois leio-o várias vezes para me certificar de que está correto. Mas não importa. Telefono-lhe assim que chegar a casa. É provável que lhe envie uma mensagem assim que aterrar, para lhe dizer que estou bem. Agora, ele é o meu namorado.

C'um catano. Estou a voltar para casa com um namorado. A mãe vai-se passar. O Renn vai espicaçar-me até à morte.

O Joe enfia o papelinho com o meu número no bolso da frente, segura na bainha do meu vestido e puxa-me para si.

— Porra, vou ter saudades tuas — murmura contra a minha boca, devorando-a de novo.

— Vou trepar às paredes enquanto estiveres na Europa. — Passo os braços em redor dos seus ombros.

— Vou visitar-te assim que voltar — promete-me, beijando-me o nariz, a testa, o lado do maxilar. — Entretanto, dá graxa aos teus pais por mim. Um fumador que largou a faculdade, desempregado e sem perspetivas de futuro, não é propriamente o sonho de todos os pais.

— Desististe da faculdade?

— Nunca me candidatei. Mas soa melhor, não soa? Dá a ideia de que, pelo menos, tentei.

Há mais risos e mais beijos antes de ouvir um grito familiar.

— Ali está ela! Hum, pensei que ele te tinha matado! — A voz da Pippa aproxima-se de nós. Afasto-me do Joe. Ela está a caminhar descalça na areia, afundando-se um pouco a cada passo. — Como é que eu ia explicar isso aos teus pais? Eles *matavam-me*!

O Joe passa-me um braço por cima do ombro. A Pippa para e olha de um para o outro. O seu sorriso de gato de Cheshire diz-me que já ultrapassou a fúria momentânea.

— Estou a ver o que se passa aqui, seus malandros.

— Não se passa nada — respondo, com ar brincalhão.

— Assim sendo, quero dois nadas desses. Acabem com isso, pombinhos. Temos um voo para apanhar.

— Cinco minutos — negoceia o Joe.

— E tu quem és, afinal? — A Pippa arqueia a sobrancelha. — Não tivemos oportunidade de nos conhecermos como deve ser.

— É o Joe. — Faço um gesto na direção dele como a Vanna White a revelar uma vogal importante na Roda da Fortuna. — O meu namorado.

— O teu *namorado* — repete a Pippa, a sorrir.

— O *namorado* dela — reforça o Joe. — Vê se tomas conta dela até eu voltar, Banal.

— Estamos no século XXI. Ela aguenta-se sozinha. Mas eu tomo, parvalhão. Tens vinte minutos. — Ela move o dedo para mim. — E, porque sou uma amiga fantástica e compreensiva, a quem darias um rim se eu precisasse, e também porque tenho a certeza de que *usaste* o preservativo, e isso é digno de celebração, vou voltar para o hotel, arrumar as nossas coisas e fazer o *check-out*. Encontramo-nos aqui daqui a pouco.

— És a maior, Pip.

— Eu sei. — Ela sacode o cabelo. — Mas é bom que te lembres disso.

Eu e o Joe passamos os vinte minutos seguintes a beijarmo-nos, a abraçarmo-nos e a prometermos telefonemas, cartas e o céu inteiro, incluindo as estrelas, um ao outro. Depois, a Pippa vem buscar-me, e eu roubo-lhe mais uns minutos com ele, porque, se estou prestes a dar-lhe um rim, sinto que posso extorquir-lhe mais um bocadinho de tempo com o Joe. Depois, finalmente, despedimo-nos.

Ao encafuarmo-nos num táxi para o aeroporto, maravilho-me com as últimas vinte e quatro horas.

É demasiado bom para ser verdade.

E a Pippa está enganada. Eu e o Joe não usámos um preservativo esta noite.

Usámos dois.